



POEMAS REBELDES VOL.3

AUTOR: LETTERIO SANTORO

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP, DEZEMBRO 2016



REDES SOCIAIS

@associacaodepoetaseescritoresdegarca

@tirasfido

@minhahistoriaapeg



SITES

www.apegletras.blogspot.com

www.minhahistoria.rf.gd

ASSOCIAÇÃO DE POETAS E ESCRITORES DE GARÇA (APEG)

Criada em 16 de janeiro de 2005, numa tarde de um domingo chuvoso, na sede da Associação de Aposentados e Pensionistas de Garça durante a sua primeira reunião onde estavam presentes seus 11 fundadores: Afonso Cesar Caffer, Aparecido Pereira, Célia Regina Nogueira Izar, Danela Maria da Silva, Eliane de Santana Mina, Fagner Roberto Sitta da Silva, Jacira Machado, Juliana Kaori Nakata Albino, Letterio Santoro, Luiz Maurício Teck de Barros, Maria do Rosário Pedrazza Sêga e Sebastião Donizete Limpo.

Este grupo foi o marco inicial da Associação e do movimento literário do município, já que a idéia de sua fundação partiu da experiência trazida por uma criança de 11 anos que participava da APEM - Associação dos Poetas e Escritores de Marília. Com isso os poetas e escritores locais sentiram a necessidade de se agruparem também, numa associação aos moldes da que em Marília já tinha dois anos de atividades.

POEMAS REBELDES VOL.3



(Francisco – quadro de Alfredo Volpi, tirado da internet)

Autor: Letterio Santoro

BIBLIOTECA APEG – GARÇA-SP, DEZEMBRO 2016

EPÍGRAFES

“...que na doidice só consiste o siso.” *(Luiz de Camões)*

“...se não é siso um pouco de loucura.” *(Luiz de Camões)*

“...a piè del vero il dubbio;...” *(Dante Alighieri)*

“...che non men che saver, dubbiar m’ aggrata.” *(Dante Alighieri)*

“...libertà va cercando, ch’ è sì cara,
come sa chi per lei vita rifiuta.” *(Dante Alighieri)*

“ Nasci para ser... E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter mêdo. Ter mêdo nenhum. Não tive! ” *(Guimarães Rosa)*

“Não tenhais receio do rei de Babilônia que tanto temeis.” *(Jer 42,11)*

“Eu sou mais forte do que eu.”
(Clarice Lispector, in Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres)

“Não sou meu sobrevivente, mas sim meu contemporâneo.” *(Murilo Mendes)*

“Eu quis acender o espírito da vida,
.....
Me rebelei contra Deus,
.....
Então o ditador do mundo
Mandou me prender no Pão de Açúcar:
.....
Mas não posso pedir perdão.”
(Murilo Mendes, in Novíssimo Prometeu)

“...sempre contente, nunca satisfeito!” *(Letterio Santoro, in Travessia)*

“Fui eu quem retirou vocês da terra do Egito

*e, através do deserto, guiei vocês durante quarenta anos,
a fim de os tornar proprietários da terra dos amorreus.” (Am 2,10)*

“...morir cuerdo y vivir loco.” (Cervantes, in Dom Quixote)

DEDICATÓRIA

A
todos (as)
os (as) rebeldes
de todas as idades e tempos
a expressar a sua indignação
contra todo tipo de opressão e injustiça.

PERFIL DO POETA

LETTERIO SANTORO, filho de Pasquale Santoro e Maria Teresa Mantuano Santoro, é italiano de nascimento (30.01.1940, em Fuscaldo, província de Cosenza), brasileiro naturalizado (1968) e garcense de coração (desde 29.12.1988, quando se mudou para cá). Em 1947, sua família, em função da guerra, emigrou para o Brasil, fixando residência no então Distrito de Entre Folhas, da gentil cidade de Caratinga, nas Minas Gerais, onde seu pai introduziu o sorvete. Em 1950, mudaram-se para São Paulo. O autor terminou o ensino primário em 1952, no Grupo Escolar Almirante Barroso, no bairro do Jabaquara, com a severa Prof^a Francisca Benedita Catão, que premiou uma reprodução sua sobre a Lenda do Miosótis com a transcrição no Livro dos Melhores Trabalhos.

Durante onze anos (de 1953 a 1964), estudou em Seminários Menores (ginásio e colegial) e Maiores (Filosofia e Teologia), depois dos quais cursou a Faculdade de Educação da USP à noite, e trabalhou durante o dia nos primeiros empregos. Casado com a artista plástica Judite Zago Santoro, tem dois filhos (Leonardo e Beatriz Zago Santoro) e três netos (Cauê, Maria Gabriela e Alice). Trabalhou durante 14 anos no SENAC/SP e 21 anos na FEBEM/SP (até 13 de abril de 2006). Aposentado desde 2003.

Embora escreva sistematicamente desde o final de sua adolescência em 1958, quando, nos silêncios do Seminário do Ibaté, S. Roque/SP, registrava, em Diário, suas observações e sentimentos, na verdade, só a partir de 1989 colabora efetivamente como poeta, cronista e contista em diversos jornais da cidade de Garça, de modo especial, ultimamente, na coluna Opinião do Comarca de Garça. Suas crônicas tratam basicamente de cidadania e da luta pela conquista dos direitos. De 1994 até agora, na Festa das Cerejeiras, distribui aos visitantes, com ou sem patrocínio de empresas locais, um poema diferente a cada ano. O que lhe mereceu oficiosamente em 2007, por parte de um grupo de artistas locais, o título de “Poeta das Cerejeiras de Garça.”

Cristão, esforça-se por viver a sua fé nas diversas comunidades de que participa. Pertenceu ao grupo de coordenação dos Casais em 2^a União da Diocese de Marília (entre 2000 e 2016), e à Pastoral da Comunicação (programas de rádio até 2016). É membro da Sociedade de São Vicente de Paulo. De agosto de 2007 a junho de 2015 frequentou semanalmente o Grupo de Estudos Bíblicos Santa Clara que ajudou a criar.

É filiado e militante do Partido dos Trabalhadores desde a sua fundação, tendo sido candidato a Vereador (em 1992, 2000, 2008, 2012 e 2016) e a Vice-Prefeito (1996). Gosta de Política como serviço à cidadania em busca do bem comum e não como poder sobre a população, frequentando sistematicamente, às segundas-feiras, as Sessões da Câmara Municipal de Garça desde 1989.

Apaixonado por literatura desde os tempos de colégio, onde colaborava com pequenas crônicas no jornalzinho interno Ecos da Tribuna, e participava de Círculos e Grêmios Literários, em 16.01.2005 ajudou a fundar a APEG – Associação de Poetas e Escritores de Garça. Vive hoje sob o signo da Poesia.

Em edições muito limitadas e a expensas próprias, o autor publicou os seguintes livros de poesia: Romanceiro de Garça (2005), seu primeiro livro; Travessia: década de 70 (2005); Travessia: década de 80 (2005); Travessia: década de 90 (2006); e Poemas do Jubileu (2006), organizado para comemorar as bodas de ouro do autor com a poesia (1956 – 2006); e em 2007 publicou O Eu Herói e Amor Plural, abrangendo a sua visão de amor sob diversos ângulos. Publicou ainda: Romanceiro de Garça (segunda edição revista e ampliada) (2008); Sonetos da Vida Inteira (2010); Lições das Cerejeiras – 1º vol. (2010), com a coletânea completa dos poemas distribuídos nas Festas das Cerejeiras em edição de bolso. Os livros Poemas para meu Povo: 2001-2005 (2010), e Poemas para meu Povo: 2006-2010 (2011) e Poemas para meu Povo (1989-2000) (2011) contêm os poemas publicados mensalmente na imprensa local. Ainda em 2011: Travessia (2001-2010), Lições das Cerejeiras – 2º vol., Livro de Haicais e Poemas de Natal. Em 2012 editou Poemas do Mar, Mãe-Terra (Poemas Ecológicos), Alma de Profeta (Poemas Religiosos), Antologia Poética, Elegias (Poemas sobre a Morte) e Momentos (Poemas da Infância e da Adolescência).

Em parceria com outros poetas locais participou da Antologia do Primeiro Encontro Poético em Garça (1997) e do livro Poetas Reunidos nº 1 (2006). Organizou até agora os livros das séries Poetas Reunidos (I a V) e Todos Cantam Sua Terra (I a III).

Vem editando a série de livros próprios, denominada Crônica do Cidadão (2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015), com crônicas semanais publicadas em jornais da cidade. Em 2010 começa a publicar pequenos contos, escritos na década de 70, enfeixados sob o nome de Divagações de Ulisses e Variações sobre o mesmo tema. Além

de Festa de Páscoa (uma história da Febem). Em 2011 publicou ainda Iniciação de um Menino Tímido e outras histórias. Com outros escritores da APEG, publicou a obra Crônicas Garcenses, versando sobre aspectos desta mui nobre e gentil cidade de Garça.

Em 1995 participou, com seu poema Zumbi dos Palmares, do livro Mil Poetas Brasileiros, organizado por Toni Carré (RS).

Em Garça concorreu algumas vezes do Projeto Raça, obtendo o seu poema Ladainha da Penitência o primeiro lugar. No Mapa Cultural Paulista, um poema seu (Construtor de Presépio) passou para a fase estadual, outro (Ousadia) participou da fase regional, um conto (A Imprevisível Madame T.) e duas crônicas (Aventura Inesquecível e Que é do Menino?) foram classificados na fase estadual, tendo sido publicados respectivamente nos livros do Mapa Cultural Paulista Literatura - Edição 95, Edição 2011-2012 e Edição 2013-2014.

De 2005 até o mês de setembro de 2016, o autor conseguiu publicar 48 (quarenta e oito) livros de sua própria lavra (Veja no final do livro a Cronologia da Obra de Letterio Santoro), além de ter organizado, geralmente a expensas próprias, 12 livros individuais e coletivos.

APRESENTAÇÃO

Foi no dia 12.08.2016 que decidi organizar meu novo livro, denominado Poemas Rebeldes. Gostei do título sob o qual publicarei certos poemas onde manifesto meu espírito rebelde.

O adolescente é rebelde por natureza; o adulto e o idoso podem ser rebeldes por opção. Eu me considero um rebelde por opção. Na velhice cabe bem me apresentar com esse espírito de rebeldia diante de meus concidadãos, especialmente o leitor.

Interessante eu buscar esses poemas rebeldes no âmago de meus livros já estampados há dez anos, mas escritos vários há mais de quarenta anos. Desde o primeiro da série Travessia (2005) até o último da série Poemas para meu Povo (2016). Portanto estou peneirando poemas rebeldes ao longo de minha vida. Até para provar meu inconformismo com a realidade dura e cruel com a qual nos conformamos vida afora.

Mas uma surpresa me flagrou, quando buscava uma figura para estampar na capa da obra. Descubro de repente um Francisco, de espantosa simplicidade, pintado por Alfredo Volpi, a significar, em óleo sobre tela, minha rebeldia expressa em arte literária. Francisco, homem do milênio, foi em sua humildade, em sua graça, em sua santidade, um dos homens mais rebeldes que houve no mundo, a exemplo de seu Mestre e Senhor Jesus Cristo, “rosto divino do homem” e “rosto humano de Deus”. Cristo. Francisco. Nós.

Gostaria muito que meus poemas rebeldes fossem tão radicalmente rebeldes quanto esse Francisco, de Alfredo Volpi.

Letterio Santoro

12.08.2016

Índice Dinâmico

81. Presença– [p.10](#)
82. Mistério– [p.11](#)
83. Ousadia– [p.12](#)
84. Betinho– [p.14](#)
85. Porta da Infância– [p.15](#)
86. Via Rupe– [p.16](#)
87. Resistência (2)– [p.17](#)
88. Mar da praia grande– [p.18](#)
89. Despedida do mar– [p.19](#)
90. Mar infinito– [p.20](#)
91. Férias na praia– [p.21](#)
92. Restos– [p.22](#)
93. Animalia– [p.23](#)
94. Tarde de sábado em férias– [p.24](#)
95. Papel do poeta– [p.25](#)
96. O castelo– [p.27](#)
97. Contemplação– [p.28](#)
98. Visão do paraíso– [p.30](#)
99. Volta a terra natal– [p.32](#)
100. Poemas do mar– [p.33](#)
101. Sentimentos de poeta–[p.34](#)
102. O sino do Ibaté– [p.35](#)
103. Canarinhos – [p.36](#)
104. Peregrinos– [p.37](#)
105. Madona– [p.39](#)
106. Irmã Clara– [p.40](#)
107. Certezas Ovídio Nasão Exílio– [p.42](#)
108. O poeta aos 60 anos– [p.44](#)
109. O informativo – [p.46](#)
110. Segredos da vida– [p.48](#)
111. Mosteiro de Itaiçi– [p.49](#)
112. Oração a Santa Martinha– [p.50](#)
113. Aleluia– [p.51](#)
114. Livro dos Salmos– [p.52](#)
115. Natal do Jubileu– [p.54](#)
116. Resistir!– [p.55](#)
117. Panorama Social Brasileiro– [p.56](#)
118. A morte de Dante– [p.57](#)
119. Lendo Agostinho– [p.59](#)
120. Espírito de Imigrante– [p.60](#)

PRESENÇA

A torre
da Igreja Santo Antônio
em Marília
parece ter um jeito
de farol:

nos altos
e baixos de tantas ruas
circunvizinhas
ela se entremostra sempre
presente.

Nas ondas
do agitado mar da vida,
vejo Alguém
a me apontar na estrada
o caminho.

14.11.1996

MISTÉRIO

De repente,
no silêncio da noite
a Majestade se torna Obediência,
a Glória se esconde na Pobreza,
a Eternidade limita-se no Tempo
entre as palhas do presépio.

Reverentes,
com os anjos e os magos,
gente simples do povo e os pastores
em Belém adoramos o Menino.
E no palácio de Jerusalém
Herodes e sua corte se interrogam.

23.02.1997

OUSADIA

“Tantum potes, quantum aude” (“Ousa tanto quanto podes”)
(Do hino Lauda, Sion, atribuído a Tomás de Aquino)

1.

Irmãos de Ulisses,
o aventureiro,
corremos riscos
o tempo inteiro.

2.

A paz doméstica
nos cansa a vida:
nossa alma é
muito atrevida!

3.

O que buscamos
além das lindas?
Ou desenganos
ou sonhos lindos!

4.

Contra o costume
- a inovação;
e, contra o medo,
muito tesão!

5.

O que é a morte
senão o mar
que temos todos
de atravessar?

6.

Deixamos pátria
e seguranças,
porque vivemos
só de esperança.

7.

Ao longe, Tróia
nos desafia,
nos predispondo
sempre à porfia.

8.

Depois vem Circe,
vem Polifemo,
depois Calpso
mais as Sereias.

9.

Volta-se a Ítaca,
quando cansados,
enfim, da glória
de ter ousado.

BETINHO

Lá dentro d' alma
em meio a tanta coisa ruim
busco encontrar
o Betinho que há em mim!

09.08.1997

PORTA DA INFÂNCIA
(À artista plástica Judite)

Na infância, Fuscaldo era apenas
minha cidade natal.

E a Cruz com sua Porta antiga,
apenas um bairro de Fuscaldo.

Na juventude, de volta à minha terra,
o bairro da Cruz com sua Porta antiga
de repente se tornou fotografia
para eterna lembrança de Fuscaldo.

Mas, na terceira idade, da foto, por obra
de tuas mãos, Artista, brotou o lindo quadro
da Porta antiga, da Cruz e de Fuscaldo:
trouxeste para casa minha infância!

1997

VIA RUPE

Num sobrado desse beco que pintaste,
sempre caminho entre a nobreza e o burgo,
minha mãe um dia me pariu, Artista!

Vês a Porta de Baixo – apertadinha,
vês a Torre da Guarda que a encima,
fechando antigas terras do Castelo.

Os edifícios do quadro, de tão velhos,
estariam caindo? Ou, de tão próximos,
entre si estão sempre cochichando?

Foram eles, no entanto, foram eles
os primeiros a ouvir atentamente
o meu primeiro grito de protesto.

Desde sempre esses prédios são os mesmos:
- de pedra, como a terra de Fuscaldo,
cheios, porém, por dentro, de ternura.

E o teu pincel, Artista, apreendeu
toda a grandeza da fotografia
da eterna Via Rupe de minha meninice.

14.08.1997

RESISTÊNCIA (2)

Sou como aquela casa
antiga
modesta
perdida entre os prédios
modernos, ousados
da Alameda Santos
na Paulista:

resisto às mudanças
e, ao mesmo tempo,
me enquadro
no ambiente.

A casa está condenada à morte.
Mas todos os edifícios não estão?

24.09.1997

MAR DA PRAIA GRANDE

Durante o mês de janeiro
vou à praia ver o Mar.
Na volta, meu coração
não é mais o mesmo, não:
é uma vasta Praia Grande
para a todos abrigar.

23.01.1998

DESPEDIDA DO MAR

Adeus, Mar imenso,
em cujas águas me perco.
Limpa em mim
tudo que é ruim.
E guarde na intimidade
um pouco de tua grandiosidade!
23.01.1998

MAR INFINITO

Na branca areia da praia
adentro as quebradas ondas
do Mar Infinito.

Avanço seguro ao chão
que tuas águas recobrem,
ó Mar Infinito!

Nelas sou um grão de areia
diante da imensidão
do Mar Infinito.

Essas vagas me amedrontam
- o Todo encobrendo o nada -,
ó Mar Infinito!

Quem me dera conhecer
os mais secretos abismos
do Mar Infinito.

Só consigo por instantes
perder-me nas tuas ondas,
ó Mar Infinito,

debaixo do céu azul.
É tudo mar? Tudo céu?
É tudo infinito.

23.01.1998

FÉRIAS NA PRAIA

Já nas férias de janeiro
deixo a civilização,
e por dias me retiro
à mais doce solidão.

Na casinha de meu tio
não há rádio nem TV,
nem telefone ou jornal;
só poesia para ler.

Bate-se um papo gostoso
com alguns familiares,
come-se pouco e se bebe
muita água ou limonada.

Vai-se ao mar nas horas certas
para um banho mais saudável:
e fica-se a olhar o céu,
e fica-se a olhar o mar.

À tardinha, que delícia
andar pelo calçadão
da Praia Grande, à vontade,
provando um sorvete bom!

Depois, à noite, o silêncio...

29.01.1998

RESTOS

Aqui, no deserto do Egito,
nas terras de Amarna,
não foi a cidade real de Eknaton,
o sublime faraó?

Três mil anos depois,
o que sobra da arrogância,
da vaidade e da riqueza
de tamanho Império?

Algumas tabuinhas
em cujas letras se encontra
a história da luta pelo poder
que destrói os poderosos.

08.02.1998

ANIMALIA

O magro Sniff, do assento do banquinho,
olha, feito irmão mais velho,
o pequenino Puff exercitando
garras e dentes
com o desengonçado Bam.

Dentro de casa, indiferente a tudo,
o gato Mimo, velusco, sonha
com outros mundos
que não entendo mas admiro!

12.04.1998

TARDE DE SÁBADO EM FIM DE FÉRIAS

São três horas da tarde
de um dia de fim de julho,
cada qual gozando de Liberdade.

No quarto, Judite costura
em sua máquina amiga
o vestido que sonha trajar.

Na mesa, cercado de livros.
leio um texto precioso
que me delicia.

Beatriz foi visitar as gêmeas
com quem faz exatamente
o que a mãe lhe impede em casa.

E Leonardo onde está?
No norte do Paraná,
em casa da menina que ele adora.

Amanhã, na noite de domingo,
estaremos todos juntos à mesa
convocados pela Necessidade.

25.07.1998

PAPEL DO POETA

DEMÓDOCO é poeta
na terra dos feácios,
povo nobre e leal,
e muito hospitaleiro.

DEMÓDOCO, já idoso,
é cego para as coisas
banais e exteriores,
inspirado, porém,

para glorificar
os heróis dos feácios,
que o admitem na assembleia
e, com prazer, o escutam.

Poeta é indispensável
para a população:
canta a luta da vida,
e anima-nos na luta.

DEMÓDOCO relata,
ao som de lira e cítara,
as gestas dos heróis,
lutas em terra e mar,

os sofridos obstáculos
superados com garra
por aqueles pioneiros,
modelos para os pósteros.

O aedo arranca lágrimas
dos atentos ouvintes,

quer seja autoridade,
quer seja cidadão.

Denuncia também
DEMÓDOCO em seus versos
as mazelas do povo
e de seus dirigentes.

E aplaude-lhe a plateia
a coragem de cego.
É próprio da poesia
despertar emoções

com as emoções do bardo.
Ó poeta DEMÓDOCO,
os fatos acontecem
para serem cantados

por ti e eternizados
para encanto de todos
os feácios? Ó Musa,
manda-nos outros vates,

para que o povo inteiro
se deleite nos versos,
e grandes e pequenos
escapem ao olvido.

E, no Mediterrâneo,
o povo dos feácios
era sempre admirado
por sua terra e seu bardo.

24.08.04

O CASTELO

(À artista plástica Judi)

Nos altos da colina,
sobranceiro entre o mar e a montanha,
foi outrora um Castelo,
orgulho dos Senhores de Fuscaldo.

Havia lá por certo
Marqueses, Cortesãos e Cavaleiros,
havia também danças,
e cantos, e suspiros namorados.

Ódio, Guerra, Ambição,
o abandono e um terrível terremoto
aos poucos desfizeram
o frágil monumento da Vaidade.

E dele resta, Artista,
essa cisterna, e as heras, mais as pedras
de um resto de muralha,
que teus pincéis na tela imortalizam!

22.12.1998

CONTEMPLAÇÃO

“E o Senhor falava a Moisés face e face.” (Ex. 33,11)

1.

Entro, Senhor, na Tenda de teu Livro,
presença e companhia no deserto
da vida.

Entro sujo dos crimes de meu povo,
cheio de angústias, cheio de descrença
nos homens.

Escravo de paixões, entro esmagado
sob o peso de tantas opressões.

Enfim,
cansado deste mundo sem descanso,
as portas de tuas santas Escrituras
adentro.

2.

Tua doce Palavra é como a sombra
das árvores do Éden primitivo,
Senhor,
em cujas alamedas passeavas
com nossos pais em terna intimidade.

Falavas-lhes
ali então com graça, como amigo
que com amigo troca confidências
gentis.

Assim também me falas, ó Javé,
quando palmilho as páginas sublimes
da Bíblia.

Nelas contigo estou no Paraíso,
perdido na amizade do Absoluto
do céu.

3.

E saio desse Templo de delícias
transfigurado, certo de que tu,
só tu
és afinal, de que todos os ídolos
não passam de vaidade passageira
e fumo.

E volto para o meio de meu povo,
animado a deixar este deserto,
disposto
a conquistar a Terra Prometida,
que, mais que Canaã, és, na verdade,
tu mesmo!

22.12.1998

VISÃO DO PARAÍSO

Quantos monges basílios,
perseguidos, fixaram-se
naquele sul da Itália?

No sopé da montanha,
e quase à beira-mar,
pararam dando graças.

E ergueram a igrejinha,
pequenina e singela,
com Cristo e a Madona.

Dentro, louvam a Deus
com cantos e com preces,
cercados de silêncio.

Fora, os monges contemplam,
extasiados sempre,
visão do paraíso:

o mar imenso sob o imenso
céu azul da Calábria
lhes lembra o Infinito!

Orando e trabalhando,
ó monges felicíssimos,
viveis em meio aos anjos!
Soterrada por séculos,
a ermida de Soterra
reaparece agora,

para que como os monges

pisando aquela terra
sonhássemos com o céu.

22.12.1998

VOLTA À TERRA NATAL

“ Vederti un’ altra volta e poi morire...” (Filinto Santoro)

Sempre sonhei voltar um dia
a Fuscaldo, minha terra natal.
Voltar, como o poeta conterrâneo
cantou, e depois morrer por lá.

Subir a escarpada colina passo a passo,
avistar no caminho o cemitério,
ouvir os acordes do órgão do Convento,
chegar até a casa onde eu nasci.

Estaria então o pobre peregrino
retornando à sua origem.
Mas é possível ao homem voltar
ao seio de sua mãe?

Seria ainda filho,
mas sempre estranho seria!

1998

POEMAS DO MAR

INTERAÇÃO

Lá no Mar da Praia Grande
a vida me escorre assim:
eu vivo todo no mar,
e o mar todo vive em mim.

22.01.1999

AMBIGUIDADE

Em Praia Grande convivo
entre grandezas sem par:
entre a firmeza da Serra
e a inconstância do Mar.

22.01.1999

ONDAS DA VIDA

A vida é como o Mar da Praia Grande:
ora nos manda assustadoras ondas,
que temos de enfrentar, ora macias
ondas, nas quais fitamos, em decúbito,
a imensidão do céu que tudo cobre.
Não adentrar as águas por temor,
e estar na praia apenas – é morrer

22.01.1999

SENTIMENTO DE POETA

(A um trabalhador nordestino do Brás)

No meio da noite
da necessidade,
solidão apertada
e vem a saudade.

Eu olho as estrelas
distantes do céu
- a terra natal
à qual não se volta.

E mato a saudade
tocando viola.
E atiro às estrelas
minha liberdade!

07.02.1999

O SINO DO IBATÉ

No Colégio do Ibaté,
havia um Sino em que punha fé.
O que mandavas fazer,
com voz de bronze, ó Sino, a obedecer
se punham todos de pronto.
Ai de quem te mostrasse algum confronto!
E à tua voz se acordava,
e à tua firme voz se caminhava
para a Capela ou Recreio,
para o Estudo, as Refeições, o Passeio.
Fosse noite, fosse dia,
a voz do Sino a todos compelia:
a falar ou silenciar-se,
a dispersar ou mesmo enfileirar-se.
Ordenava fim e início
de ações e pensamentos, pois ofício
não é do Sino marcar
os limites do Tempo, e relembrar
o valor da Eternidade,
sob cuja imagem faz-se a atividade?
E de onde te vinha, ó Sino,
tanto poder nesse eco peregrino?
Lá no fundo da lembrança
dos fins de nosso tempo de criança
(eu ouço ainda no peito,
a tua voz de bronze, com respeito)
descubro enfim a razão
que de tua força dá-me a explicação:
atenda-se aos apelos teus,
A VOZ DO SINO ERA A VOZ DE DEUS!
18.07.1999

CANARINHOS

Os canários – Franck Sinatra
e seu par Jair Rodrigues –
a certas horas do dia,
são dois pequenos tenores
cantando com galhardia,
num dueto comovente,
trechos de ópera especial.

Tudo e todos ao redor
suspendem o próprio fôlego
para ouvir esses trinados
em instantes de emoção.
A gaiola é um palco aéreo
onde os cantores esbanjam
sua alta improvisação.

E de manhã, e de tarde,
a casa, o céu e a terra
enchem-se de puro encanto
durante poucos segundos
quando escutam esse canto
nascido do peito livre
dos dois tristes prisioneiros.

25.07.1999

PEREGRINOS

A vida é uma grande ascensão
da praça ao monte,
da terra ao céu.

Ai, como é dura essa subida
cheia de pedras,
cheia de pó!

Ao longe, o Saboó convida-nos
a continuar
ad altiora.

Mas, no caminho, o Santuário
da adolescência
nos aparece

por entre os altos eucaliptos,
proeminente
e acolhedor.

Voltamos como peregrinos,
sempre felizes,
ao céu antigo,

ao céu eterno da memória
da mocidade,
lassos os corpos.

Ali vivia-se o Tabor,
de onde descemos
para o calvário.

Todos gratos, revisitamos
Jerusalém,
terra da paz.

E de novo nos espalhamos
para cumprir
nossa missão.

08.08.1999

MADONA

(Ao primo Nuzzo, que me enviou um cartão da Madona)

Contemplo o afresco da gentil Madona
da igreja páleo-cristã de Soterra,
pintado outrora por monges basílios,
perto do mar de meu torrão natal.

Soterrada por séculos sem conta,
ressurge dos escombros essa imagem
da Virgem, com seu manto azul e a veste
rosa, da mesma cor que a rósea auréola.

Na mesma doce posição, os olhos
misericordiosos por nós rezam,
como Mãe que, com gesto piedoso,
pedisse ao Filho por seus outros filhos.

Mas na tua figura e nas figuras
em volta, ó Santa, o tempo deixou marcas,
simbolizando o duro sofrimento
que nesta vida marca nossas almas.

Soterrados embora nos escombros
de tantos sonhos mortos e aflições,
ajuda-nos, Maria, a pelo menos
conservar essa imagem de nós mesmos.

Feridos, castigados, humilhados
por causa das loucuras cometidas,
dá-nos viver, Senhora, como tu,
nessa pequena ermida da Calábria!

07.11.1999

IRMÃ CLARA

Irmã Clara, toca o sino;
convida tuas irmãs
para o Ofício divino.
Cantai, cantai o louvor,
nesses velhos breviários,
cantai desde cedo o Amor.
E, no coro tão pequeno
de assentos gastos sentadas,
sois um coro de anjos pleno.

Irmã Clara, nossa irmã,
no singelo refeitório
em que passais de manhã,
abençoa esses pãezinhos
com a cruz de Jesus Cristo
e alimenta os pobrezinhos.
Nunca falta o alimento
a quem com outros partilha
com santo contentamento.

Irmã Clara, em teu jardim,
situado nas alturas,
medram com graça sem fim
violeta, açucena e rosa.
E do jardim contemplais
a visão deliciosa
de igrejas, rios, estradas,
campos, montanhas azuis,
que vos deixa extasiadas.

Irmã Clara, ao fim do dia,
com muita simplicidade,

e com inteira alegria,
à cela vos recolheis.
E no silêncio da prece
nas mãos do Pai vos perdeis
como crianças contentes,
sem nada dentro nem fora,
mas do Amor total ardentes.

25.12.1999

CERTEZAS DE OVÍDIO NASÃO NO EXÍLIO

1.

De repente, Poeta, caíste em desgraça,
e de um dia para outro tudo deixaste:
mulher e filha, casa e amigos, em resumo,
Roma.

Foste levado para o exílio, para a Cítia,
terra de bárbaros, terra desconhecida,
onde à força viveste, sem nunca mais ver
Roma.

Provaste assim no corpo e n' alma a prepotência
de Augusto César, de quem pretendias ser
amigo, enquanto em versos imortais cantavas
Roma.

2.

Descobriste, na dor, que também tu, Poeta,
eras bárbaro, sim, em meio aos outros bárbaros,
quando não entendias língua nem costumes da
Cítia.

Descobriste outrossim que a terra onde se habita
é a pátria da gente pelas circunstâncias
alheias à vontade, e que a Roma equivale
Cítia.

E descobriste enfim que em todo canto vive-se
só entre estranhos, e só entre os conhecidos,
incompreendido sempre, quer em Roma, quer na
Cítia.

3.

Mas cantaste, Poeta, em versos sempre tristes,
doces lembranças vivas dos perdidos tempos,
inspiradas no peito pelas sempre doces
Musas.

Eram elas as meigas companheiras tuas
na solidão dos anos do infeliz exílio,
obrigando-te ao canto, enquanto na tristeza, as
Musas.

E quando, perto ou longe, todos te abandonam,
mesmo na fria Cítia, a tua verve aquecem
e sugerem poemas à posteridade
Musas.

06.01.2000

O POETA AOS 60 ANOS

Não consegui erguer um monumento
perene de Poesia, como Horácio
na Roma antiga.

Mas aprendi com ele a contentar-me
com o pouco que tenho, e a aproveitar
a curta vida.

Vivo exilado em minha própria casa,
como Ovídio vivia descontente
na fria Cítia.

Sou bárbaro entre bárbaros, e apenas
as Musas me consolam docemente
a solidão.

Na minha idade, Dante terminara
a Divina Comédia, e até morrera
no triste exílio.

Como ele, no final da vida, eu vivo
a contemplar as delícias do céu
já nesta terra.

Camões cantou, em seu Poema, a amada
terra de Portugal; cantar pretendo
a acolhedora
terra garcense, e a garra dos pioneiros,
e o manso Lago, e a graça tão suave
das cerejeiras.

E me cercam Homero e o bom Virgílio,
o Drummond, e Pessoa, e o Bandeira,
tantos poetas,
e a Bíblia, onde eu descubro, estarecido,
a loucura dos homens e de Deus
em nossa Terra.

11.01.2000

O INFORMATIVO

(Ao recém - descoberto amigo Bruna)

As páginas dos ECHUS
são um Ponto de Encontro
de todas as distâncias,
de todas as idades,
de várias divisões,
das mais variadas classes,
das muitas gerações
da gente do Ibaté.
Como se, a cada vez,
voltássemos de novo
à nossa velha Casa,
mais velhos também nós,
juntos mestres e alunos,
vivos e mortos juntos,
ao lado de Maria,
fitando o Saboó.

As páginas dos ECHUS
se tornam, pouco a pouco,
Ponto de Irradiação:
ao ler o Informativo,
cada qual no seu canto
admira mais o amigo
com quem volta a falar;
descobre amigos novos,
troca correspondência,
onde aprofunda a ideia.
Mesmo longe estão perto,
espalham-se em ciranda,
conectados em Deus,
fonte da comunhão.

E vive-se em família,
num prenúncio do céu.

23.04.2000

SEGREDOS DA VIDA

(À memória do tio Carmelo)
A tristeza da infância
(pela doença e morte de tua mãe,
pelo teu franzino corpo,
pela guerra e pela emigração)
tu a substituíste, meu tio,
na juventude, e para sempre,
pela eterna alegria de viver.

Viveste simplesmente
do trabalho, e simplesmente viveste
para a família que amavas
acima de todas as coisas.
E viste, sempre ao lado da mulher,
os filhos a crescer com alegria
e a se multiplicar em novas famílias.

Saboreavas a vida
como quem toma com prazer,
como tomavas com gosto a cada dia,
um trago especial que alegra a vida
e relaxa as tensões cotidianas,
sem nunca se exceder,
onde quer que estivesses.

A morte te arrancou
de nós tão de repente, como sonhavas:
de pé, a caminho do trabalho,
em plena ação, embora aposentado.
Jamais, porém, a morte, ó tio,
te arrancará de nossos corações!

27.04.2000

MOSTEIRO DE ITAICI

Silêncio. Floresta. Mosteiro.
Corredores. Ícones. Cristos.
Madonas. Ermidas. Cubículos.
Escadas. Jesuítas. Cripta.

Silêncio. Capela. Painéis.
Anjos. Trindade. Abraão. Sara.
Maria. Virgem. Mãe. Menino.
Pastro. Paz. Sacrário. Escritura.

Silêncio. Auditório. Gente.
Palestras. Grupos. Refeitório.
Júbilo. Cantos. Oração.
Lembranças. Livros. Documentos.

Silêncio. Jardins. Chafariz.
Águas. Peixes. Remanso. Pássaros.
Flores. Meditação. Crisântemos.
Eternidade. Poesia.

Silêncio. Pomar. Laranjeiras.
Hortaliças. Garça. Lagoa.
Ar. Sol. Suavidade. Céu.
Alamedas. Retiro. Deus.

04.06.2000

ORAÇÃO A SANTA MARTINHA

Nasci no dia da comemoração
de tua morte,
e sob a estrela de tua proteção,
Santa Martinha,
defensora minha!

Outrora foste levada em prisão
diante do ídolo
de Apolo para a devida adoração,
Santa Martinha,
protetora minha!

Mas tu te escarneceste dele, e não
te submeteste
ao sujo pó onde se oculta o Cão,
Santa Martinha,
protetora minha!

Ora ao Senhor, te peço com devoção,
me mostre a Face
para que se encha de luz meu coração,
Santa Martinha,
protetora minha!

E arrase os ídolos que, em torno a nós, vão matando as almas
- Poder, Dinheiro, Prazer, como Esfigão,
Santa Martinha,
protetora minha!

15.08.2000

ALELUIA

Louva, ó minha alma, ao Senhor,
dentro de ti mesma,
que és o Templo vivo de Deus,
feita para o louvor de sua glória!

Louvemos ao Senhor todos juntos
dentro da família,
que é uma Igreja doméstica,
feita para louvor de sua glória!

Louvemos ao Senhor, ó cidadãos,
dentro das Capelas
que congregam seus fiéis,
feitos para louvor de sua glória!

Louvem ao Senhor todos os povos
junto com o Universo
que é o Templo do Deus vivo,
feitos para louvor de sua glória!

17.09.2000

LIVRO DOS SALMOS

Já no portal, dois caminhos
à frente se nos bifurcam:
o do Bem – caminho estreito,
caminho largo – o do Mal.
Ao longo da curta vida,
passamos de um lado a outro,
e, arrependidos, voltamos:
ninguém segue um só caminho.

E acontece, dentro e fora,
de nós, o eterno combate
entre a Luz e as Trevas, entre
o Anjo e Jacó, e, às vezes,
parece que o Mal domina
sobre tudo e sobre todos.
O homem mau é o desumano:
Ele sempre vencerá?
Segue o ímpio a voz macia
diferente, de seu deus
- o pecado, que envenena
intenções e pensamentos,
as palavras e as ações.
Autossuficiente, diz
não haver Deus, e ser ele
sua única medida.

Se a Graça humaniza o Homem,
no horizonte a aurora expulsa
as trevas, o Bem ao Mal.
Guarda-me, Senhor, na tenda
de tua intimidade
para ver a tua glória.

Estar contigo é viver,
contente, no paraíso.
Em ti percebo que o Homem
é falaz, e mentiroso,
 vaidade apenas, e sombra.
Em ti, porém, se engrandece
quando serve aos seus irmãos,
e junta-se às criaturas,
das quais é rei e senhor,
para cantar aleluias.

Setembro / 2000

NATAL DO JUBILEU

Lá no Presépio de casa,
José e Maria, excluídos
da cidade, se agasalharam
na lapa com manjedoura,
ao calor dos animais.

Nasce o Menino Jesus,
este excluído dos céus,
que armou barraco entre nós.
E vêm pastores alegres,
reis magos trazem presentes,

e cantam anjos em coro,
unindo o céu e a terra.
E o Menino inclui, a quantos
em volta dele se encontram,
no júbilo de sua graça.

Dezembro / 2000

RESISTIR!

(Ao governador Mário Covas doente)

Resistir!

À opressão da ditadura
lutando pela democracia,
sofrendo exílios com garra,
inconformado com os poderosos de plantão.

Resistir sempre!

À sedução da corrupção
governando pelo bem comum
sobrevivendo com o que se ganha
punindo sempre os corruptos.

Resistir até à morte!

À insinuação da doença
trabalhando apesar dela,
olhando a morte de frente,
“vencido não, mas de vencer cansado”.

18.01.2001

PANORAMA SOCIAL BRASILEIRO

(visto do Posto da Febem de Marília)

Nossa Sala de trabalho
é um Posto de Observação
de onde se assiste diariamente
ao panorama social da Nação.

Todo dia, às onze horas,
uma fila de famintos
recebe um prato de sopa.
E a fila só faz crescer!

Às quartas feiras, outra fila
se forma na porta da Cadeia,
onde os familiares
vão visitar os detentos.
E a fila só faz crescer!

Todo dia, toda semana
os excluídos aumentam
as filas. Até quando será assim?
Até que todos fiquem na fila?

Janeiro/2001

A MORTE DE DANTE

No meio do caminho desta vida,
percorreste, ó Poeta, atento e a medo,
os círculos do Inferno, em sua descida

escura ao mundo das paixões, degredo
dos que a razão submetem à vontade,
gente infeliz que o bom Virgílio, a dedo,

te apontava. Depois, com humildade,
subiste o duro monte da Virtude
no Purgatório, onde a liberdade

foste buscando enfim com inquietude.
Ali é tua casa, a casa do homem
que o bem procura com solicitude,

movido por Beatriz. E aonde somem
paixões e sofrimento, ao Paraíso
chegaste, onde os felizes se consomem

de amor recíproco e com Deus, sorriso
dos bem-aventurados. Não te encantam
celestes melodias que o preciso
verso teu guarda, e aos ouvidos nos cantam?
E te extasias no céu do Poema,
quando na terra as aflições te espantam.

Chega, porém, a tua hora extrema.
E, nos últimos cantos, ó Poeta,
só e exilado, ainda mais se estrema

a tua inspiração: e na secreta
vida de Deus, entre os contemplativos,
cantas a Virgem Mãe, Deus Trino e a meta

de tudo – a Encarnação do Verbo. E aos vivos
tu retornaste para a despedida.

E, ao acabar teus versos excessivos,
acabou para ti também a vida.

Fevereiro /2001

LENDO AGOSTINHO

No silêncio da manhã,
percorro, ó Pai, contigo,
enquanto me seguras pela mão,
passo a passo, o caminho
das tuas Confissões.

Tua vida é igual à minha
nas aventuras do mal,
mas tu te vais tornando meu modelo
nas ascensões do bem,
e me chamas para o alto.

E como tu, e como os teus leitores,
seduzidos pela Palavra,
vou deixando também as ilusões
da vida, olhos postos no alto,
em busca da Vida verdadeira.

Afinal, em Deus perdidos,
pela Graça dominados os sentidos,
transcendemos a todas as vaidades,
e em todos os locais e em todas as idades
nós vivemos na terra o júbilo do céu.

Março / 2001

ESPÍRITO DE IMIGRANTE

Nada abala nossa irmã
Filipina,
nenhuma dificuldade
a domina.
Seu caráter é de pedra;
a alma, fina.
Aprendeu que o imigrante
tem por sina
desfazer o inevitável
da ruína.
E cada novo problema
a fascina,
pois lhe robustece a alma
peregrina.
Ao enfrentar os obstáculos,
imagina
transpor os próprios limites.
E ela ensina
que é com garra que se vive:
pequenina,
mas com olhos nas alturas.

Maior / 2001